

PERSPECTIVAS

VOL. II

Filosofia,
Psicanálise e
Antropologia

Amaury Meller Filho
Daniela Valentini
Junior Cunha
(Organizadores)



PERSPECTIVAS

Amaury Meller Filho
Daniela Valentini
Junior Cunha
(Organizadores)

PERSPECTIVAS

Filosofia, Psicanálise e Antropologia

Vol. II

Primeira Edição E-book



TOLEDO-PR
2020

Copyright 2020 by Organizadores
Gerente Editorial Ana Karine Braggio
Revisão Amanda C. Schallenberger Schaurich
Mônica Chiodi
Editores Assistentes José Luiz G. Mariani
Medéia Lais Reis
Valdenir Prandi
Corpo Científico Dr. José Aparecido Pereira - PUCPR
Dr. Lorivaldo do Nascimento - UFFS
Dr.^a Lurdes de Vargas Silveira Schio - UNIOESTE
Dr. Tiago Soares dos Santos - IFPR
Capa e Diagramação Junior Cunha

Instituto Quero Saber

CNPJ: 35.670.640./0001-93

www.institutoquerosaber.org

editora@institutoquerosaber.org

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P466 PERSPECTIVAS: filosofia, psicanálise e antropologia - vol. II. / organizadores, Amaury Meller Filho, Daniela Valentini, Junior Cunha. 1. ed. e-book - Toledo, Pr: Instituto Quero Saber, 2020.
118 p.

Modo de Acesso: World Wide Web:

<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>

ISBN: 978-65-87843-13-1

1. Filosofia. 2. Psicanálise. 3. Antropologia.
I. Título.

CDD 22. ed. 100

Rosimarizy Linaris Montanhano Astolphi - Bibliotecária CRB/9-1610

Todos os direitos reservados aos Organizadores

O conteúdo dos textos aqui publicados é de exclusiva responsabilidade dos seus respectivos autores

SUMÁRIO

Apresentação	7
I “EMPODERAMENTO DIGITAL”? SUAS IMPLICAÇÕES NO <i>ETHOS</i> E NA ATIVIDADE POLÍTICA ATUAL	
<i>Rodrigo Lopes Figueiredo</i>	
<i>Marta Rios Alves Nunes da Costa</i>	11
II ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS À <i>METAFÍSICA</i> DE ARISTÓTELES	
<i>Igor de Matos Ramos</i>	45
III EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E A PSICANÁLISE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Fernando Alves Grumicker</i>	61
IV COMENTÁRIOS SOBRE O EXISTENCIALISMO SARTREANO E A PEÇA <i>ENTRE QUATRO PAREDES</i>	
<i>Cristiele Rhoden</i>	
<i>Junior Cunha</i>	81
V REAÇÕES PESSOAIS FRENTE ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CIDADE: (SOBRE)VIVER NA PANDEMIA	
<i>Marina Garcia Lara</i>	
<i>Aloir Pacini</i>	93

REAÇÕES PESSOAIS FRENTE ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE CIDADE: (SOBRE)VIVER NA PANDEMIA

*Marina Garcia Lara**

*Aloir Pacini***

Resumo: O presente artigo tem como objetivo suscitar reflexões sobre a consciência coletiva em tempos de pandemia embasados em Rousseau (1973), Mauss (2003), Park (1967) e Hannerz (2005). Analisamos as novas configurações de cidade e a reação das pessoas frente às decisões de retomada da mobilidade, depois de períodos mais intensos de reclusão em casa. Através de pesquisas bibliográficas que trazem conceitos que dialogam com o momento presente e de questionário semiestruturado, jovens estudantes relatam suas experiências. Percebemos que há uma percepção de si diferenciada enquanto pessoas contextualizadas nesse momento da história da humanidade. A chamada *consciência coletiva* (Durkheim, 1995), trouxe novos elementos de compreensão da realidade para superar os individualismos passados em vista de compromissos sociais com uma vida de mais equilíbrio com todos os outros seres que habitam o planeta terra, e que fazem de todos os envolvidos, cidadãos cada vez mais plenos porque se apresentam com noções mais claras do que é o bem comum.

Palavras-chave: Pandemia. Pessoa. Cidadão(ã).

*Aluna de Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: profmarinalara@gmail.com.

**Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso.

Abstract: This article aims to raise reflections on collective consciousness in times of pandemic, based on Rousseau (1973), Mauss (2003), Park (1967) and Hannerz (2005). We analyzed the new city configurations and people's reaction to decisions to resume mobility, after more intense periods of seclusion at home. Through bibliographic research that brings concepts that dialogue with the present moment and a semi-structured questionnaire, young students report their experiences. We realize that there is a different perception of the self as contextualized people at this moment in human history. There is what we could call a collective conscience, which surpasses past individualism towards a social commitment with a more balanced life with all the other beings that inhabit the planet earth, and that make all citizens more and more full because they present themselves committed to the service of the common good.

Keywords: Pandemic. Person. Citizen.

5.1 INTRODUÇÃO

Estudos científicos incorporam como *epidemias* uma ampla gama de doenças: HIV-AIDS, cólera, peste bubônica, gripe, ebola, dengue etc. (KECK *et al*, 2019). Assim, o significado da palavra *epidemia* entendida como doença infecciosa que se generaliza sem controle em uma *comunidade* se diferencia da *pan*-demia pelo prefixo, pois essa incorpora uma dimensão universal de uma doença, por exemplo, o Covid-19. Nesse sentido, devido aos níveis alarmantes de disseminação e severidade, e também com os níveis alarmantes de inação, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) avaliou que o Covid-19 seria caracterizado como uma *pandemia*¹.

¹ www.who.int/news-room/detail/27-04-2020-who-timeline-covid-19.

Dados de contágio e transmissão do Covid-19 são divulgados em todos os lugares do mundo. O vírus caracteriza-se como mais ou menos endêmico conforme as ações dos governos dos diferentes países. Assim, cabe salientar que a origem cultural exerce significativa influência em vários aspectos da vida das pessoas, inclusive com relação à saúde e o modo de enfrentar às doenças. Segundo Helman (2009, p. 13), a cultura engloba:

[...] crenças, comportamento, percepções, emoções, linguagem, religião, rituais, estrutura familiar, dieta, modo de vestir, imagem corporal, conceitos de espaço e de tempo e atitudes em relação à doença, dor e outras formas de infortúnio – todos podendo ter importantes implicações para a saúde e os cuidados de saúde.

Seguindo o conceito de cultura apresentado por Helman, pode-se dizer que a *cultura* influencia diretamente nas ações e reações da sociedade frente à pandemia, especialmente porque cada sociedade define suas próprias regras, presunções e crenças. Tais variações de ações tomadas por um país e outros, também interferem no atual cenário de crise global. Conforme Boaventura de Sousa Santos (2020 p. 22), este cenário pode ser caracterizado como uma crise grave:

As crises graves e agudas, cuja letalidade é muito significativa e muito rápida, mobilizam os media e os poderes políticos, e levam a que sejam tomadas medidas que, no melhor dos casos, resolvem as consequências da crise, mas não afectam as suas causas. Pelo contrário, as crises graves mas de progressão lenta tendem a passar despercebidas mesmo quando a sua letalidade é exponencialmente maior. A pandemia do coronavírus é o exemplo mais recente do primeiro tipo de crise.

Ademais, no contexto de estudo das epidemias, para o enfrentamento de crises frente às doenças infecciosas, percebemos a necessidade de ação imediata, uma vez que:

De natureza episódica e excepcional, as epidemias são uma crise em tempo real que impele uma resposta imediata [...]. Iluminando os contornos geopolíticos e as consequências da biossegurança, os antropólogos demonstraram como as epidemias, ou melhor, sua ameaça iminente, fornecem o pretexto para a extensão do poder governamental em todas as formas de vida e modos de vida (KECK, 2019, p. 3).

Percebemos que a caracterização do Brasil como um país “em crise” não é de hoje. Em um estudo intitulado *Health, Hygiene and Sanitation in Latin America*, são estudadas as condições da América Latina entre os anos de 1870 e 1950, reconhecemos que muitas batalhas que vivemos hoje no Brasil carecem da mesma falta de um plano claro de enfrentamento da doença, pois o governo brasileiro vinha num processo de desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS) para jogá-lo na mão da iniciativa privada, conforme aponta Christopher Abel (1996, p. 34):

Os reformadores da saúde pública se viam conduzindo várias batalhas simultâneas: ciência versus ignorância; ciência versus erudição; ciência versus defesa do estado minimalista e baixa tributação; ciência versus os interesses arraigados dos oligarcas e coroneis rurais.

A necessidade de respostas imediatas frente a uma crise de saúde pública está diretamente ligada às ações do governo ou à falta delas, como tem sido o caso do Brasil. O preparo dos governantes e dos países para lidar com crises emergentes é colocado em xeque a cada minuto, e a sensação de insegurança da população pode alterar consideravelmente o rumo dos fatos, ou seja:

[...] qualquer evento de saúde pública pode enfraquecer a confiança do público na capacidade do governo de responder a emergências, minar a ordem social de uma nação, catalisar a instabilidade regional

ou causar impacto econômico adverso, incluindo restrições comerciais (KHAN *et al*, 2010, p. 1237).

No caso específico do Brasil, o que estamos vivendo é uma *crise* generalizada que advém, especialmente, de ações tardias ou mesmo errôneas. Uma atitude que simboliza o caos vivido pelo país foi o fato de o presidente da república ter provocado aglomerações, passeando sem máscara (item obrigatório de utilização por toda a população para evitar transmissão e contágio), um dia após o Brasil ter se tornado o quinto país do mundo com mais mortes por Covid-19, em maio de 2020².

Apesar dos problemas enfrentados durante esse período, “com diligência e ação concertada em vários níveis, as ameaças colocadas pelas doenças infecciosas emergentes podem ser, se não eliminadas, pelo menos significativamente moderadas” (LEDERBERG *et al.*, 1992, p. 32). Não discutiremos nesse trabalho sobre o teor das ações que devem, ou não, ser tomadas por parte das autoridades políticas e das instituições de ensino. Por outro lado, dialogaremos sobre as consequências do que foi e está sendo feito até o presente momento entre os jovens estudantes.

Frente a contextos anteriormente vivenciados no Brasil com relação a doenças, é possível destacar questões abordadas, por exemplo, no período da febre amarela, época em que foi possível observar um intenso desenvolvimento de práticas individuais e coletivas para a contenção da transmissão, bem como se tratou de um momento propício para se discutir, conceitualmente, sobre *doença* e incorporar na experiência social-cultural formas recorrentes de descontrole governamental. Ao olhar para o passado, percebemos que a pandemia do Covid-19, malgrado todas as suas mazelas, surge como uma boa

² www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/30/bolsonaro-volta-a-passear-sem-mascara-e-provocar-aglomeracoes-durante-pandemia.

oportunidade para refletirmos, pois, se comparada com a febre amarela, parece que só mudou o nome da doença e o transmissor. Segundo Charles Rosenberg (*in* Löwy, 2006, p. 19):

[...] a doença é ao mesmo tempo um acontecimento biológico, um repertório de construções verbais que refletem a história intelectual e institucional da medicina numa dada geração, um aspecto da política e uma legitimação desta política, uma entidade que potencialmente define um papel social, um componente das normas culturais e um elemento que estrutura as relações médico/doente.

A partir disso, entendemos que a doença pode ser descrita como “um fenômeno biocultural, uma mistura de elementos independentes da vontade humana e de elementos elaborados pelos homens” (LÖWY, 2006, p. 19). A noção de movimentos interdependentes entre biologia e cultura, nos coloca a pensar socialmente sobre a crise ocasionada por essa pandemia do Covid-19, especialmente no que tange à subjetividade das pessoas que vivem esse momento. Em termos biológicos, *sobrevivência* significa ajustamento bem-sucedido à crise, tipicamente acompanhado por uma modificação de estrutura. Significa no ser humano um estímulo mental e maior discernimento ou, no caso de fracasso, também de certa depressão mental (THOMAS, 1912, p. 736). Percebemos que o estado de medo se alastra, e o conseqüente pânico coletivo é evidenciado. Giorgio Agamben, em seu texto incluso no livro *Sopa de Wuhan*, sugere o círculo vicioso perverso causado pelo constante estado de medo, e relaciona as emoções com o controle do governo sobre nós: “*la limitación de la libertad impuesta por los gobiernos es aceptada en nombre de un deseo de seguridad que ha sido inducido por los mismos gobiernos que ahora intervienen para satisfacerla*” (AGAMBEN, 2020, p. 19). Há uma falsa sensação de segurança, que nos apresenta as novas formas de vigilância vividas em períodos de pandemia.

5.2 CENÁRIO *CONTAMINADO*: O CORONAVÍRUS NA CIDADE

Apresentamos aqui as contribuições da Antropologia Urbana para esta pesquisa, e a importância de voltarmos a atenção para nossa própria sociedade:

[...] a ciência da antropologia não se preocupa somente com o selvagem nu, mas com o homem ou a mulher com calça plus fours ou vestido de gala. Para o verdadeiro homem de ciência, pouco importa se ele está lidando com o subúrbio ou com a selva, com a dança de jazz moderno ou com a orgia sexual selvagem, a mágica da floresta mágica ou o deísmo antropomórfico de um verdureiro suburbano, as curas e feitiços do pagé de Bantu ou a obra de um membro do Royal College of Physicians. A diferença entre nós e os selvagens muitas vezes é mais aparente do que real; uma calça plus fours pode esconder um bruto, e uma camada de tinta pode encobrir um coração sensível (DUFF *apud* HANNERZ, 2005, p. 22).

Segundo Hannerz (2005, p. 22) “isso também é uma contribuição da antropologia aos estudos urbanos: a antropologia urbana como instrumento pelo qual os habitantes da cidade possam pensar de maneira nova sobre o que se passa ao seu redor”.

Para compreendermos as novas configurações de cidade, que foram especialmente alteradas em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus, relembro que importantes medidas foram tomadas pelas autoridades para conter o avanço da doença a nível mundial. Dois termos surgiram para restringir ou limitar a circulação das pessoas: *quarentena* e *isolamento social*. A palavra *quarentena* foi usada, inicialmente, em Veneza, na Itália, em 1127³. Os termos diferem-se:

³ O termo foi utilizado em relação à hanseníase e foi amplamente usada em resposta à Peste Negra e trata-se de uma reclusão das pessoas em casa para evitar o contágio. Está relacionado aos quarenta dias no deserto que Jesus Cristo passou e aos

isolamento social diz respeito à separação das pessoas que foram diagnosticadas com uma doença contagiosa, mas que não estão doentes, enquanto a *quarentena* “é a separação e restrição de movimento de pessoas que foram potencialmente expostas a uma doença contagiosa para verificar se elas ficam mal, reduzindo assim o risco de infectar outras pessoas” (BROOKS *et al.*, 2020 p. 912). Nosso campo de estudo neste trabalho é a cidade de Cuiabá, capital do Mato Grosso⁴. Devemos pensar para além das fronteiras geográficas do conceito atribuído à cidade, uma vez que ela é muito mais do que um aglomerado de pessoas e edificações: a cidade é um *estado de espírito* (cf. PARK, 1967, p. 26). Nós pesquisadores vivenciamos conjuntamente o cenário *contaminado* da pandemia e desejamos entender as percepções antropológicas desse momento através da coleta de dados. Sabemos que nossos dados nada mais são do que nossa própria construção das construções de outras pessoas e que, quando bem coletados, falam por si mesmos (CARDOSO, 1986; GEERTZ, 1989).

Atualmente, relatamos fatos ocorridos em Cuiabá no contexto de isolamento social que têm mudado profundamente as configurações dessa *cidade* que, para fins sociológicos, pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos (cf. WIRTH, 1967, p. 96). Para entender fatos e atores, um questionário semiestruturado foi

quarenta dias de quaresma antes da Páscoa, ou, como já incorporado pelos Chiquitanos, os quarenta dias que a mulher fica em resguardo quando ganha um filho(a).

⁴ Várzea Grande é uma cidade localizada no lado oposto do rio Cuiabá, uma fronteira visível entre outras tantas invisíveis. Alguns estudantes do colégio também são dessa cidade, por isso, sempre que falar em Cuiabá, não faço uma distinção radical dessa outra cidade, pois morar do lado de lá ou de cá, parece não fazer tanta diferença nessa pesquisa.

respondido por 50 jovens de 14 a 18 anos. Segundo Bernard (2006), o questionário é considerado o coração da pesquisa social porque é uma das principais técnicas de coleta de dados empregada no método de pesquisa. Demos preferência a esse tipo de coleta em detrimento das novas conjunturas não nos permitirem encontrar presencialmente os participantes da pesquisa. Evidenciamos que cada estudante, “ao falar do que sente, comunica-se consigo mesmo através dos outros, compreendendo, por meio desta expressão, aquilo que sente” (REZENDE e COELHO, 2010, p. 62).

Inicialmente, percebemos que o cenário da pandemia trouxe significativos questionamentos e percepções sobre *mobilidade*. Segundo Park (1967, p. 41), o termo *mobilidade*, da mesma forma que seu correlativo *isolamento*, cobre uma ampla gama de fenômenos. Pode, ao mesmo tempo, representar um caráter e uma condição. Ademais, nas condições atuais da cidade, os dois termos relacionam-se diretamente com a noção de liberdade do indivíduo. Nesse contexto, Agamben (2020) é um dos autores que questiona intensamente os poderes do Estado para impor à população a quarentena e, na mesma obra, González (AGAMBEN *et al.*, 2020) reitera que a instalação de restrições de liberdades reforça o sentimento de medo na população.

Percebemos que, após três meses de isolamento social, o sentimento de algumas pessoas é de impotência, pois há um direito nato de “ir e vir” que lhe foi tirado temporariamente. Entre os relatos observados entre os jovens, percebemos aqueles que inicialmente estavam contentes com a ideia de isolamento social, mas que logo foram tomados pela noção de realidade, como aconteceu com M, 15 anos:

Sinceramente eu achei incrível! Férias adiantadas porque estaria sem aulas, mas conforme o tempo foi passando, hoje tudo o que eu

quero é que tudo volte ao normal e que nós tenhamos a liberdade de vivermos *livres por aí*, sem se preocupar mais com o Covid-19 [...].

Segundo Rousseau (1973, p. 249), um dos autores que influenciou a Antropologia pela sua concepção do ser humano enquanto um agente livre, que faz escolhas por ato de liberdade⁵, não pelo instinto:

Não é, pois, tanto o entendimento quanto a qualidade de agente livre possuída pelo homem que constitui, entre os animais, a distinção específica daquele. A natureza manda em todos os animais, e a besta obedece. O homem sofre a mesma influência, mas considera-se livre para concordar ou resistir, e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma, pois a física de certo modo explica o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias, mas no poder de querer, ou antes, de escolher e no sentimento desse poder só se encontram atos puramente espirituais que de modo algum serão explicados pelas leis da mecânica.

O excesso de crises pessoais pela falta de liberdade, considerada consequência da restrição da mobilidade, sugere que a cidade necessita do movimento que articula todos os seus atores: a mobilidade da população é inquestionavelmente um fator importante de seu bem-estar social e *desenvolvimento intelectual* (PARK, 1967, p. 41). Com esse pensamento em mente, alguns relatos deste trabalho começam a ser justificados quando as pessoas isoladas socialmente sugerem um decréscimo em sua produção intelectual. Ademais, “a interação com redes de relações mais amplas e diversificadas afeta o desempenho dos papéis sociais” (VELHO, 1978, p. 20). Sobre a

⁵ Fazer escolhas é um ato de liberdade, o cachorro não faz escolha entre um prato e outro de comida, ele segue o instinto e come, se ele conseguir cheirar o veneno talvez evite, mas não faz escolhas conscientes e nem reflete sobre elas.

ausência de estímulos providos das interações e mobilidade, Wirth (1967, p. 104) nos diz que:

A crescida mobilidade do indivíduo, que o coloca dentro do campo de estímulos recebidos de um grande número de indivíduos diferentes e o sujeita a um *status* flutuante no seio de grupos sociais diferenciados que compõem a estrutura social da cidade, tende para a aceitação da instabilidade e insegurança no mundo como norma geral.

As novas circunstâncias e o questionamento entre ficar ou não em casa enquanto o “inimigo” está a solta, nos coloca a pensar nas características das relações, em como elas se fundamentam e como nossas escolhas são – ou não – direcionadas ao bem coletivo. Relembramos Simmel (1967)⁶, ao entendermos que é necessário a compreensão do contexto quando falamos da noção de *indivíduo*. Por um lado, os sensatos – para quem? – julgam que uma cidade com pessoas isolados socialmente apresenta o caminho para o fim da disseminação do vírus que assola e enterra famílias. Por outro lado, governantes federais estimulam a retomada da economia, e parte do comércio municipal começa a funcionar aguardando os *indivíduos* decidirem se estão do lado *da vida* ou da *economia*, como sugerem os mais críticos. Um dos estudantes entrevistados, quando questionado sobre sua opinião em relação ao comportamento dos *indivíduos* no período de distanciamento social, relata que “o coletivo nada mais é que a composição de indivíduos que se aliam em algumas discussões, mas se desviam da cooperação coletiva quando seus interesses são prejudicados” (M, 18 anos). Podemos relacionar a opinião do

⁶ “O indivíduo é pressionado, de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, e de modo algum ele saberia lidar com segurança interna entre suas diversas possibilidades de comportamento – que dirá com certeza objetiva.” (SIMMEL, 2006, p. 40).

estudante M, 18 anos, com a *hipocrisia* de pessoas que inicialmente se mostraram favoráveis ao distanciamento social, mas quando viram que a economia e o futuro de *seus negócios* seriam severamente prejudicados, optaram por mudar *de lado*. F, 17 anos, descreve claramente sua percepção sobre a *hipocrisia* vivida nos tempos de pandemia: “percebi que muitos tem *zero consciência coletiva* e outros vivem de *hipocrisia*, por exemplo, nas redes sociais pregam ‘fiquem em casa’ e vão para festas ou casas de amigos. Outro exemplo de percepções de ações que não refletem o bem-estar comum pôde ser visto na resposta da estudante F, 15 anos:

[...] apesar de muitas pessoas estarem sendo responsáveis, saindo do isolamento apenas para fazer o indispensável, porém, também tem muitas pessoas que desrespeitam o isolamento, e fazem festas clandestinas, o que contribui com o aumento do número de casos, e conseqüentemente de mortes, dificultando o controle da pandemia.

Quando tratamos dessas ações ou restrições individuais, o que tem sido amplamente discutido são os direitos individuais e se o Estado pode impor restrições tamanhas aos cidadãos que não são simplesmente *indivíduos*, mas pessoas humanas, com liberdade, sujeitos social e culturalmente localizados. O coletivo certamente está acima do indivíduo, mas não existe sem o concreto das pessoas. Aqui recordamos a noção de *consciência coletiva* proposta por Durkheim (1995)⁷. Neste sentido, evidenciamos a insegurança da ação individual que fica mais latente nos estudantes mais novos e tende a ser mais comprometida e segura entre os estudantes que já passaram pela fase

⁷ Segundo o autor, a consciência coletiva é formada pelo conjunto de ideias, conceitos e categorias elaboradas em uma sociedade que determinam a conduta dos seus membros como regras sociais, porque está além dos indivíduos (In: *Da Divisão Social do Trabalho*. Martins Fontes: São Paulo, 1995).

do egocentrismo. Na escolha de um dos “lados” nesse momento em que vivenciamos papéis diferenciados na sociedade, temos que:

Entendendo a personalidade social como um *cluster of roles* (Gluckman, *op. cit.*), há que entender os diferentes contextos em que são desempenhados os papéis para perceber a gramática e lógica do comportamento individual, inclusive as possíveis incompatibilidades e contradições (VELHO, 1978, p. 34).

É importante ressaltar que a ausência das relações entre os grupos primários, face a face, podem sugerir o crescimento de uma falta de empatia entre as pessoas, uma vez que, quando inseridas no grupo, há uma tendência ao *nós*. Uma prova disso é o relato de F, 15 anos, quando perguntada sobre sua opinião acerca do comportamento das pessoas na pandemia: “extremamente egoístas, somente pensando em si e não no todo”. De uma maneira enfática, direta e sensível, outra estudante F, 15 anos, resume a falta de *empatia* percebida no momento:

[...] as pessoas que não estão respeitando o distanciamento acho que é falta de empatia com as pessoas que estão ficando em casa, falta de empatia principalmente com muitas pessoas que estão morrendo, famílias e amigos que estão perdendo pessoas que eles amam e com os que trabalham na área da saúde, dando o seu máximo e se arriscando para poder salvar vidas enquanto pessoas que só sabem olhar para o próprio umbigo são inconsequentes e não tem noção do momento que estamos vivendo!

Em contrapartida, o depoimento objetivo e forte de F, 15 anos, nos faz perceber sua consciência quando relata sobre as mudanças percebidas com o passar dos meses: “eu entendi que é uma questão de termos paciência e que enquanto eu estou sentindo falta de ir no shopping fazer compras, existem pessoas sentindo falta de alguém que amava e que acabaram perdendo por causa desse vírus.” Claramente percebemos que a questão conjuntural de *mobilidade* não se sobrepõe

aos sentimentos vividos pelas *pessoas*. Temos aqui um claro exemplo de *pessoa* que está vivendo muito além de sua *bolha individual*.

Trazemos neste momento as importantes contribuições de Mauss (2003) sobre a noção de *pessoa*, categoria analisada que contextualiza a necessidade da antropologia ir além das ciências exatas e trazer à baila uma oposição à ideia de *mero indivíduo*, como se isso fosse possível na sociedade. O autor nos diz que:

[...] uma das categorias do espírito humano - uma dessas ideias que acreditamos inatas - lentamente surgiu e cresceu ao longo dos séculos e através de numerosas vicissitudes, de tal modo que ela ainda é, mesmo hoje, flutuante, delicada, preciosa, e passível de maior elaboração. É a ideia de "pessoa", a ideia do "Eu". (MAUSS, 2003, p. 369).

Ainda não está dito, mas a antropologia vai chegar a compreender que as relações fazem a pessoa humana e, mesmo que as relações presenciais é que geram tradicionalmente vínculos de amor, ou seja, mesmo que estas estejam sendo substituídas por relações remotas, ainda assim, são densas e complexas na constituição das identidades sociais. Por isso vamos tratar aqui da importância de certa intimidade que configura as pessoas com identidades próprias, culturalmente localizadas, não *indivíduos individualistas*, que reforçam a ideologia dominante do *individualismo* que assola a humanidade de tal forma que nos trouxe essa pandemia. Assim, psicologicamente, o resultado da associação íntima seria uma certa fusão das pessoas em um todo comum (PARK, 1987), de tal forma que cada pessoa se torna mais pessoa quando é altruísta e se dispõe a propósitos comuns do grupo.

Neste ponto questionamos a ausência das relações presenciais, e como as consequências dessa falta afetam o cenário vivido na cidade, onde o novo normal consiste em seguir seu *trajeto* apenas em casos de

necessidade. Aqui insiro um dos grandes atores desse trabalho: a escola. As escolas da cidade já não são mais povoadas por jovens estudantes e professores. Logo, essa instituição, que há tanto tempo tem assumido algumas funções da família, visto que algo como um novo espírito de vizinhança e comunidade tendiam a se organizar em volta da escola, agora é impulsionada a uma nova solicitude pelo bem-estar físico e moral das crianças. Para Tuan (1983, p. 83), “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Algumas perguntas cabem nesse momento: qual *espaço* da cidade é agora ocupado por essas pessoas? Será que as pessoas isoladas se identificam com os *espaços* que agora são obrigadas a ocupar? O problema central do sociólogo-antropólogo da cidade é descobrir as formas de ação e organização social que emergem em grupamentos compactos, relativamente permanentes, de grande número de pessoas altamente criativas, culturalmente identificadas, mas heterogêneos (WIRTH, 1967, p. 97).

Através das análises, percebo que a *casa* e a *família* são lugares de pertencimento que ganharam mais relevância neste momento. As novas configurações sugerem uma nova forma de vivenciar a casa com um lugar de estudo, e as relações familiares se tornaram mais visíveis, públicas. Famílias que antes quase não se encontravam neste ambiente, pessoas que não tinham costume de fazer refeições conjuntamente, hoje são condicionadas pelas circunstâncias a estarem juntas, e estarem em casa, fazendo dela o seu “canto do mundo” (BACHELARD, 1993, p. 200). Um dos alunos entrevistados nesta pesquisa, M 16 anos, relata que uma das coisas que mudou em sua vida com o passar dos meses foi, justamente, “o modo com que eu convivia com minha família”. A aluna F, 16 anos, acrescenta: “tudo mudou. Meu relacionamento com a minha família, com o meu corpo, com minha fé. Sacudiu as bases que eu construí para que fossem fortalecidas”.

Segundo Bachelard (1993), a casa é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. “É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela.” (BACHELARD, 1993, p. 200). Percebemos que os novos movimentos fizeram as pessoas pararem para apreciar a beleza de suas moradias. Alguns jovens que entrevistamos para esse trabalho contam sobre a alegria de estarem recriando, redecorando, aquele que sugerem ser os seus *espaços* na *moradia*: especialmente seus quartos.

Essa noção de moradia, do valor da casa, passava bastante despercebida, conforme aponta Bachelard (1993, p. 200): “nossa vida adulta é tão despojada dos primeiros bens, as ligações antropocósmicas se encontram tão desguarnecidas, que não sentimos seu primeiro vínculo no universo da casa”.

É interessante percebermos o evidente movimento dos estudantes voltando-se para suas famílias, para a percepção das suas moradias, pois agora ganhou relevância algo que já estava aí, mas não era refletido. Entretanto, existem outros locais possíveis de convívio que os estudantes já usavam bastante que são as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - as chamadas TDICs. Mesmo que seja lamentável a falta de aula presencial, por faltarem alguns elos que somente são possíveis com a *presença*, a vivência dos afetos pode ser continuada através dos meios de comunicação, e assim percebemos que eles não estavam *isolados* de modo algum, mas vivendo suas relações interpessoais da maneira que foi possível. Um estudante foi enfático: “acho que eu amadureci muito com tudo isso que aconteceu, sou uma pessoa totalmente diferente do começo do ano”. Ademais, outros estudantes foram mostrando os detalhes das diversas relações que mantiveram neste tempo de reclusão, que parece mais como um tempo de retiro espiritual, que permitiu profunda conexões consigo mesmo, por exemplo: “Mudei minha concepção sobre a capacidade

do indivíduo de mudar ou até mesmo de respeitar o limite dos outros”. (F, 17 anos); “O distanciamento social colaborou para desenvolver minha empatia, tanto com as pessoas próximas, quanto como parte de uma sociedade que precisa melhorar”. (F, 15 anos). A síntese a seguir se apresenta como um tesouro: “Eu me tornei uma pessoa mais madura, consegui analisar e conviver com as situações que vivemos, e isso me fez uma pessoa forte e mais sábia.” (M, 15 anos). Registramos também um relato mais profundo, desejando expressar sentimentos inusitados:

Psicológico principalmente, a mudança de rotina, a falta de contato com amigos e a presença dos seus familiares o tempo todo contigo faz muitas coisas mudarem, meu pensamento era que eu precisava quase sempre ter um amigo do meu lado, porém isso mudou, a quarentena me ensinou a ficar bem com a minha própria companhia, aprender a lidar melhor com minha família (eu esperava mais brigas e houve muito poucas kk), me mostrou quem são os amigos de verdade e que nem sempre eu necessito deles para fazer algo. Meu psicológico não vai sair dessa quarentena tão quebrado como eu esperava... Acho que autoconhecimento foi o ponto que mais me pegou. (F, 15 anos)

Agora, com a obrigatoriedade do convívio dentro das casas, especialmente nesse momento de insegurança, é importante relembrar o conforto de ter um espaço que é meu, faz-me no meu íntimo como a cama ou a rede, mas também a família: “contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, *apesar do mundo*” (*ibid*, 1993, p. 227). Como nos recorda Clarice Lispector, devemos ir além de nossas limitações e, sobretudo, se deve viver *apesar de* - visto que, muitas vezes, é o próprio *apesar de* que nos empurra para a frente (Lispector, 1998).

Nesse período de mudanças e incertezas, um relato simples, objetivo e de uma sensibilidade admirável foi feito por F, 15 anos, resumiu o que temos vivido: “tudo mudou, eu mudei, o mundo

mudou.” *Apesar de vivermos em um momento caótico a nível mundial, o relato da jovem F, 16 anos enche nosso coração de esperança sobre como muitos indivíduos poderão sair dessas experiências com característica de pessoa:*

Eu sou uma pessoa completamente diferente da que era antes. Com certeza evolui minha forma de pensar e agir (apesar de haver ainda mais aspectos que preciso trabalhar -sempre temos que buscar a mudança). Não menciono a saudade como ponto principal pois não foi isso o que realmente me afetou, mas sim o entendimento de como uma sociedade funciona no íntegro, ou seja, o sofrimento e dor coletivo, a ajuda de cada um que faz a diferença, a busca pela solução dos problemas, etc. Eu pude ‘sair do meu mundo’ e visualizar um plano geral da vida em si, pude refletir no que a vida significava e no meu papel como humano, filha de Deus. Ainda sim, me encontrei no meu eu mais íntimo, no meu microcosmos, onde aprendi que saúde é uma coletânea de fatores (físicos, emocionais, psíquicos, sociais e mentais) que são, ao meu ver, a resposta para um mundo tão caótico e doente, pois seus habitantes (nós) são assim. Enfim, foi e é uma experiência muito especial (no sentido bom e ruim) que espero levar o que aprendi para minha vida.

REFERÊNCIAS

ABEL, Christopher. *Health, Hygiene and Sanitation in Latin America*. Londres, 1996.

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan*. Editorial: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). Marzo 2020.
Disponível em: <https://bit.ly/sopadewuhan>.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BERNARD, H. Russell. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*. Altamira Press, 2006.

DURKHEIM, Emile. *Da Divisão Social do Trabalho*. Martins Fontes: São Paulo, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

HELMAN, C. G. *Cultura, saúde e doença*. Trad. Ane Rose Bolner. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KECK, Frédéric; KELLY, Ann H.; LYNTERIS, Christos. Introduction: the anthropology of epidemics. In: *The anthropology of epidemics*. London: Routledge, 2019.

KHAN, A. S.; FLEISCHAUER, A.; CASANI, J.; GROSECLOSE, S. L. *The Next Public Health Revolution: Public Health Information Fusion and Social Networks*. American Journal of Public Health, 100. 2010: 1237-1242.

LEDERBERG, Joshua; SHOPE, Robert E.; OAKS, Stanley C. (eds). *Emerging Infections: Microbial Threats to Health in the United States*. Washington, DC: National Academy Press, 1992.

LISPECTOR, C. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro. 1998.

LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de "eu". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In VELHO, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

ROSENBERG, Charles E. *Explaining Epidemics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Edições Almedina, Coimbra, 2020.

SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras*. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 32, 1979.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19) outbreak [Internet]. Geneva: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.

PERSPECTIVAS

A coleção *Perspectivas* projeta-se sobre o horizonte como um farol a guiar aqueles que se propuserem e ousarem navegar os vastos oceanos do conhecimento. Os textos que integram este segundo volume representam com profundidade questões argutas e proeminentes da humanidade. Questões que causam incomodo e levam a reflexão. Em suma, questões que suscitam novas perspectivas sobre a vida e o mundo que nos cerca. Uma questão arguta e promitente é aquela que perpassa o senso comum e astuciosamente nos provoca. Nos desestabiliza. Nos leva a (re)considerar as bases que dão sustentação ao que conhecemos. Descartes, na filosofia; Newton, na ciência; Kafka, na literatura – entre outros – são exemplos de pensadores que se sentiram incomodados.

